

EDUCAÇÃO E TRABALHO NO CANTEIRO DE OBRAS: DILEMAS E DESAFIOS*

Rosa Elisa M. Barone**

RESUMO

Este estudo, que tem como eixo o binômio trabalho e educação no contexto da indústria da construção civil, toma como referência a emergência dos programas de escolarização básica para o trabalhador do setor enquanto proposição de parte do empresariado. Procuramos mostrar ao longo do trabalho em que medida a proposição do canteiro-escola reflete as questões gerais que estão presentes nos debates contemporâneos que resgatam a educação básica, de caráter geral, como variável fundamental para os processos de reestruturação produtiva, demandante de uma força de trabalho com novos atributos educacionais. Inserido no rol da pesquisa qualitativa e empírica, este trabalho realizou um "survey" de empresas e contou com diferentes estudos de caso.

ABSTRACT

The binomial work and education in the engineering industry is the basis of this study. With reference in the emergence of the basic schooling programmes to workers while being a proposal given by the entrepreneurs, we tried show along the work how much the proposal of the school in the work site reflects the general questions present in the current debates which rescue the basic education, at a general view, as being a fundamental variable to the processes of productive reestablishment that demands a work power with new education attributes. This work which is based on a qualitative and empirical research, has used a survey of industries, and also studies performed in some industries selected.

* Este artigo, apresentado no *Pedagogia 99 - Encuentro por la unidad de los educadores latinoamericanos. Anais. Havana, Cuba, 01 a 05/02/99, origina-se da tese de doutorado da autora: Canteiro-escola: o espaço do trabalho e da educação na construção civil, defendida pela autora na PUC-SP em 1997 e recentemente publicada em livro: Canteiro-escola: trabalho e educação na construção civil. São Paulo, EDUC / FAPESP, 1999.*

** Socióloga (UNESP-SP), Mestre e Doutora em Educação (PUC-SP), Professora na Universidade Tiradentes - Aracaju/SE

Ao longo deste estudo abordamos a relação entre trabalho e educação na indústria da construção civil, com referência no segmento de edificações. Para tal, articulamos a discussão teórica sobre a temática educação e trabalho, com os dados mais gerais do setor da construção, bem como com a pesquisa empírica realizada junto às diferentes construtoras que implementaram o canteiro-escola¹ em suas obras.

Para compreender o processo de instalação da prática escolar no espaço da obra, encontro que vem produzindo inúmeros desafios, recuperamos ao longo do trabalho os diferentes padrões e características das empresas quanto ao uso de inovações tecnológicas e/ou organizacionais, a valorização dos recursos humanos e o lugar da formação da mão-de-obra. As questões que orientam as empresas na opção pelo canteiro-escola, bem como as motivações dos trabalhadores que optam por voltar à sala de aula permitiram compreender o papel da escola no espaço da obra. Investigamos, ainda, as implicações de tal proposição escolar no trabalho executado no canteiro, em suas múltiplas perspectivas, e no próprio cotidiano do trabalhador.

As revelações da pesquisa de campo são significativas e expressam a perspectiva dos diferentes atores que vivenciam e/ou vivenciaram a prática escolar proposta para os trabalhadores. Ademais, o estudo revelou os determinantes, as contradições e implicações de tais programas, possibilitando compreender e interpretar, de uma maneira particular, a realidade investigada.

Este estudo contou com a realização de um "survey" com uma amostra de empresas do Estado de São Paulo que implementaram o canteiro-escola em suas obras no período de 1991-1995, bem como com estudos de caso, objetivando particularizar a investigação. Para a primeira etapa selecionamos 22 empresas, a partir das indicações do sindicato patronal da indústria da construção (SindusCONSP), e, posteriormente, para a realização dos estudos de caso, escolhemos 4 empresas que demonstraram um maior envolvimento com a prática escolar².

O ponto de partida do estudo está ligado à idéia de que neste final de milênio, desenha-se um cenário político e econômico onde a educação, em sua múltiplas facetas, é apontada como um dos principais pilares para a sustentação dos diferentes processos de mudança que vêm ocorrendo no campo da produção e na sociedade de um modo geral. Destaca-se a importância do aumento da escolaridade da população em geral, face às novas solicitações de um contexto que se redefine a partir de novos códigos, nas diversas áreas do cotidiano, onde a automação e a informatização se impõem num movimento ascendente. Faz parte deste quadro, a difusão de idéias que vinculam o aumento da escolaridade à diminuição da pobreza e, supostamente, ao aumento do consumo.

Ao mesmo tempo, reforça-se a noção de que mais e melhor educação escolar geral incide sobre os processos de acumulação do capital e sobre o desenvolvimento econômico dos países. Estabelece-se uma relação entre as mudanças que ocorrem na produção face à adoção de inovações tecnológicas e organizacionais, a definição de novos padrões e contornos de qualificação e a exigência de uma escolaridade ampliada. Como resultado dessas mudanças, novas solicitações são feitas à força

¹ Denominação dada ao espaço onde a prática escolar se realiza na obra. Em algumas empresas a prática escolar está centrada apenas no processo de alfabetização dos trabalhadores. Em outras empresas a proposta incorpora as diferentes séries do 1º grau (ensino fundamental), quando lançam mão de várias formas educativas – das aulas tradicionais ao Telecurso 2000.

² Nesta etapa da pesquisa visitamos a empresa, os canteiros de obras onde a escola estava instalada, coletamos dados mais particularizados, entrevistamos diretores, gerentes, engenheiros, técnicos de edificação, mestres de obras, pedreiros, carpinteiros, armadores, serventes, coordenadores do programa de escolarização, professoras.

de trabalho dos diferentes setores e ramos produtivos. Maior conhecimento abstrato - raciocínio lógico, resolução de questões, disponibilidade para aprender a aprender - e um novo padrão atitudinal - uma força de trabalho mais cooperativa, mais autônoma e comunicativa, que se identifica com a empresa - são requisitos presentes nas análises e no discurso não só de profissionais das empresas, mas também de estudiosos da temática.

Essas questões ganham relevância quando tomamos como referência a indústria da construção civil, caracterizada pela especificidade de seus processos produtivo e de trabalho, pelo uso intensivo de mão-de-obra pouco escolarizada e de baixa qualificação, por altas taxas de rotatividade, pela presença parcial e pontual de novas tecnologias e pelo pequeno uso de equipamentos sofisticados.

Em que medida o conjunto destes aspectos está presente na concepção e implementação do canteiro-escola? Ou ainda, em que medida a opção de parte das empresas do setor em implantar programas escolares para sua força de trabalho está referida ao movimento mais geral identificado no contexto produtivo contemporâneo?

Os estudos sobre o setor vêm mostrando que emerge na construção civil um movimento ainda lento, parcial e silencioso, que é parte do cenário geral, mas que está, ao mesmo tempo, profundamente marcado pelas especificidades e singularidades do setor. Neste sentido, longe de qualquer comparação linear com outros setores da produção, permeia a construção civil uma "revolução silenciosa", cuja marca é a realização de mudanças de caráter incremental³. Este pano de fundo, que esteve presente ao longo do estudo, explicitou-se nos diferentes campos pesquisados.

SOBRE AS EMPRESAS PESQUISADAS

Do ponto de vista mais geral, as empresas pesquisadas reiteram o contexto macro definido pelo conjunto das empresas do segmento edificações, no que diz respeito à adoção de inovações, à política de recursos humanos vigente e ao uso da força de trabalho. Destaca-se um "discurso" centrado na reestruturação e modernização do padrão produtivo na construção, que enfatiza a importância da incorporação de novas tecnologias, das novas concepções organizacionais, da definição de uma política de recursos humanos voltada para a adequação da mão-de-obra às demandas que o mercado econômico impõe - maior produtividade, melhoria na qualidade do produto construído, menor custo. Estas demandas estão interligadas à necessidade de definição de um novo padrão de competitividade pelas empresas.

Na sua prática cotidiana a maior parte das empresas pesquisadas apresenta baixo grau de inovação e é dependente da rígida estrutura de ofícios que historicamente orienta o setor na organização do trabalho. São empresas que pouco investem em sua força de trabalho e não dispõem de uma política de recursos humanos ou mesmo de proposta articulada de formação da mão-de-obra. Em contraste, o discurso contemporâneo e "modernizante" realiza-se entre pequena parcela das empresas pesquisadas que, consideradas de ponta, vêm realizando um movimento maior de incorporação de inovações, tecnológicas e organizacionais e implementando políticas de recursos humanos direcionadas para a definição de programas de formação da mão-de-obra em sentido amplo.

Sobretudo duas das empresas estudadas encontram-se entre essa parcela, o que foi expresso pelo uso de modernos processos construtivos, de materiais e componentes inovadores e incorporação de equipamentos sofisticados no trabalho. Estas são empresas que vêm racionalizando os processos construtivo e de trabalho, estratégia considerada central para a modernização do setor. A par desta inferência,

³ A caracterização das mudanças que ocorrem na construção de edifícios como de "caráter incremental" foi utilizada por Farah (1992, 1996). Esta autora tomou como suporte as considerações de Henrique Rattner (1988) ao considerar a existência de avanços tecnológicos "pequenos e contínuos" no paradigma industrial, noção que aplica à construção de edificações.

há que se destacar que mesmo entre as empresas consideradas de ponta e/ou progressistas e/ou modernas, as técnicas avançadas convivem com a manutenção de formas manufatureiras de produção. O tradicional e o moderno dividem o mesmo canteiro de obras. O uso de pré-moldados, da alvenaria estrutural, dentre outras técnicas, interage com práticas tradicionais, calcadas no saber de ofício de parte da mão-de-obra e no amplo uso das habilidades físicas.

Estas considerações permitem dizer que os processos de modernização produtiva, tal como ocorrem na construção e frente a sua singularidade, acabam realizando um movimento próprio, que não pode ser comparado com aquele de outros setores. As especificidades setoriais, em conjunto com o cotidiano da obra, definem um movimento e uma dinâmica singulares e a não compreensão destes aspectos pode minimizar e até mesmo encobrir a ocorrência de mudanças.

Nesse quadro, há que se destacar peculiaridade dos processos de racionalização produtiva que, paulatinamente incorporados pela construção civil, são resultantes das alterações e demandas identificadas nas diferentes fases do desenvolvimento do setor. Diferentemente dos demais setores econômicos, que vêm abandonando o princípio da racionalização do trabalho em nome de um modelo pautado na noção de flexibilização, a indústria da construção civil tem tentado adotar um padrão de trabalho fundado em uma racionalização que leve em conta suas particularidades. Esta tentativa visa minimizar a flexibilidade inerente à indústria da construção, que se expressa principalmente na sua dupla variabilidade⁴. Através da difusão de um modelo próprio de racionalização, o setor procura promover e garantir um maior controle do processo de produção e do trabalho e o aumento da produtividade e da qualidade do produto construído. O que está na base da redefinição das formas produtivas é a busca de processos cada vez mais econômicos de produzir.

O TEMA DA FORMAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL E ALGUNS DILEMAS DO SETOR

Com base em nossa pesquisa, podemos afirmar que a incorporação de inovações enfrenta dificuldades em diferentes níveis. Subsiste na construção uma "cultura" que privilegia a manutenção do uso de técnicas tradicionais, alicerçadas no uso intensivo da força de trabalho. Ainda que novas técnicas e processos construtivos sejam adotados, potencializando e aumentando a produtividade, o trabalho humano continua sendo o centro da produção dessa indústria. Ao mesmo tempo, o setor continua sendo grande absorvedor de mão-de-obra pouco ou não qualificada, ou de baixa escolaridade, o que seria um obstáculo às mudanças. Ou seja, a construção civil permanece propiciando emprego ou serviço para aqueles que não conseguem outra colocação. Os dados da Tabela 1 mostram a escolaridade da População Economicamente Ativa (PEA) total e da indústria da construção, para a Região Metropolitana de São Paulo, em 1995.

TABELA 1 – NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA PEA TOTAL E DA
INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL – RMSP / 1995 (%)

	Analf.	Até 4 ^{as} .	5 ^a /7 ^a	1 ^o g.C.	2 ^o g. I	2 ^o g.C.	3 ^o g. I	3 ^o g. C.
PEA Total	5,0	26,8	16,4	12,5	7,5	12,2	4,9	10,8
Constr. Civil	15,9	48,9	14,8	6,4	2,4	5,0	1,3	5,2

Fonte: FSEADE, PED. SEADE, SP, 1995.

De acordo com esses dados, 63,7% dos trabalhadores da construção civil, na Região Metropolitana de São Paulo, não concluíram o ensino fundamental (1º grau), e quase 50,0% deles declararam ter apenas as séries iniciais deste nível de ensino. Quando computamos o conjunto de analfabetos com os trabalhadores que têm apenas as primeiras séries do ensino fundamental, a situação também é grave: 64,8% deles integram esta categoria. Ao compararmos os percentuais acima verificamos um acentuado desnível. Enquanto os analfabetos constituem 5% da PEA total, na construção civil eles correspondem a quase 16% dos trabalhadores. O mesmo ocorre em relação aos trabalhadores que freqüentaram até a 4ª série do ensino fundamental: para a PEA total temos 26,8% dos trabalhadores nesta situação, contra 48,9% na construção civil.

A despeito da queixa generalizada sobre as conseqüências deste "perfil" do trabalhador no cotidiano da obra, as empresas reforçam tal situação, uma vez que não exigem no momento da admissão dos trabalhadores quer escolaridade quer domínio sobre o "saber fazer". Há uma prática que parece reforçar a idéia de que para o tipo e qualidade do trabalho executado, o aprendizado informal, que ocorre no dia a dia é suficiente. O canteiro de obras surge como espaço privilegiado para a constituição do trabalhador profissional, os chamados oficiais da construção. A explicação para esse cenário está tanto no histórico e tradicional comportamento do setor, cuja marca é o padrão predatório do uso da força de trabalho, quanto na suposição de que a redefinição dos critérios para a admissão da mão-de-obra inviabilizaria as contratações. São assertivas que reiteram a idéia de que a construção civil é a alternativa de trabalho que se mantém quando todas as demais se esgotam.

No entanto, é preciso considerar que o setor da construção como um todo vem progressivamente se defrontando com diferentes níveis de dificuldades, referentes à qualificação e formação de sua mão-de-obra. Isto porque as particularidades inerentes ao setor concorrem para a manutenção do domínio do "saber fazer" do trabalhador do canteiro. Assim, a transferência de parte do processo produtivo para fora do canteiro, deixa sob a responsabilidade do trabalhador apenas tarefas pontuais e esparsas. Do mesmo modo, o processo de aprendizagem do trabalho, tradicionalmente realizado no próprio local, já frágil, vem perdendo espaço frente à precarização das condições de trabalho e às diferentes formas e práticas de absorção da força de trabalho, nem sempre regidas pela legislação trabalhista. O conjunto destes aspectos, certamente, propicia a manutenção dos baixos salários e a imposição de pesadas jornadas de trabalho.

Em síntese, é possível afirmar que o setor da construção convive tanto com o esvaziamento da qualificação operária como uma das decorrências dos fatores citados, quanto com a não incorporação, por parte do capital, do "saber fazer de ofício". Esta avaliação, presente na análise de diferentes estudiosos do setor como Farah (1992, 1996) e Costa Lima (1987), dentre outros, expressa a dependência do capital com relação à qualificação da força de trabalho. Para viabilizar a produção, o capital depende da qualificação e habilidade do trabalhador. Por outro lado, a definição de como executar o trabalho, a constituição de equipes, a programação e alocação de tempos, o estabelecimento do ritmo de trabalho e o próprio controle da produção ocorrem no coletivo dos trabalhadores, sob a liderança dos mestres e oficiais.

Dessa forma, os debates mais gerais sobre reestruturação produtiva, busca de novos padrões de trabalho e de formação da mão-de-obra refletem, e são incorporados, no discurso de grande parte dos atores entrevistados, mas nem sempre resultam em efetiva realização. A materialização do discurso, quando ocorre, tem como palco um número reduzido de empresas e, mesmo nesses casos, podemos verificar a convivência do velho com o novo. Estes aspectos reforçam a idéia da ocorrência de mudança incremental e demonstram o peso da singularidade setorial nos processos de reestruturação produtiva.

⁴ *A indústria da construção civil tem seus processos produtivo e de trabalho profundamente marcado por uma dupla variabilidade - externa e interna - aquela referente à característica do produto e esta referente à quantidade de trabalho necessário para o processo produtivo.*

AS EMPRESAS E O CANTEIRO-ESCOLA

Toda a problemática apresentada interage com a relação entre trabalho e educação e, por conseguinte, com a prática do canteiro-escola. Em primeiro lugar, podemos afirmar que a incorporação dos programas de escolarização da força de trabalho pelas empresas pesquisadas, tal como ocorre em relação a outras mudanças, vem ocorrendo de forma parcial e pontual, através de um movimento lento e silencioso. Em outras palavras, não se constitui uma mudança efetiva no cenário geral e global das empresas do setor. O movimento de implementação do canteiro-escola entre as empresas da construção, segundo nossa perspectiva, deve ser compreendido como parte de um contexto mais amplo, que requer o aumento da escolarização da força de trabalho. Dessa forma, estamos diante da ocorrência de um processo de mudanças que, por sua parcialidade, tem limites e dificuldades.

Os motivos e objetivos que levaram as empresas a implementarem o programa escolar em suas obras confirmam esta proposição. Enquanto algumas empresas procuraram responder à ação desencadeada pelo sindicato patronal, outras apresentaram um comportamento mimético, tomando como modelo as ações desenvolvidas e divulgadas por empresas do setor consideradas de ponta. Ao agirem dessa forma, demonstraram pouca clareza sobre a especificidade dos processos de aprendizagem escolar. É preciso destacar, todavia, a ação das (poucas) empresas que implementaram o canteiro-escola a partir de um conjunto de pressupostos internos à sua organização, possibilitando tanto o estabelecimento de vínculos entre a aprendizagem escolar e processo de trabalho, quanto uma tendência de valorizar profissionalmente os trabalhadores que passaram pelo processo escolar.

Ainda em relação aos motivos que orientaram as empresas a optarem pelo programa de escolarização, podemos assinalar o papel de agente socializador atribuído à escola. Nessa perspectiva, a escola contribuiria para a definição, entre os trabalhadores, de padrões comportamentais e atitudinais socialmente aceitos. Há uma crença disseminada que o trabalhador que frequenta a sala de aula passaria a se relacionar "melhor" no seu cotidiano de trabalho, a refletir sobre suas ações. Esta mudança resultaria em uma melhor qualidade do trabalho realizado. Por outro lado, destacam-se os elos entre a escolarização do trabalhador e possíveis mudanças na sua vida particular, sobretudo em sua maior inserção social.

Verificamos a presença de um discurso genérico que valoriza o processo de escolarização e enfatiza sua relação com a execução do trabalho e sua importância frente às mudanças tecnológicas e necessidades atuais do setor. No entanto, a escolaridade do trabalhador ou sua frequência ao canteiro-escola não é variável considerada nos processos de admissão ou de promoção da empresa. Há um estímulo discursivo que não se realiza na prática da empresa e que se perde no cotidiano das relações de trabalho do canteiro de obras. Somente em poucas situações esse estímulo se realiza na prática das empresas e, mesmo assim, parcialmente. É o que observamos nas poucas empresas que procuram articular, paulatinamente, a escolaridade do trabalhador com o seu encaminhamento para os cursos profissionalizantes.

Os dados da pesquisa de campo permitem reiterar que esse movimento é resultante de relações sociais decorrentes de estruturas que vão se constituindo ao longo da história das empresas e que se reproduzem no canteiro-escola. Tal como ocorre na implementação de processos de inovação, a prática escolar proposta para os trabalhadores impregna-se das especificidades setoriais e das características das empresas, expressando-se em dificuldades e limites e impondo desafios. Ocorre que as condições objetivas terminam atuando contra as finalidades declaradas. Assim, podemos inferir que as finalidades declaradas, que constituem o eixo da concepção dos programas, desempenham apenas um determinante.

No dia a dia, a prática educativa é permeada pelas condições objetivas do espaço da obra, o que acaba agravando as dificuldades que historicamente marcam os diferentes programas de escolarização voltados para a população adulta. São dificuldades de diferentes níveis: aquelas impostas pela natureza do setor, pela

fragilidade demonstrada por grande parte das empresas na implementação do canteiro-escola e pela falta de clareza sobre a relação educação e trabalho. O conjunto destes aspectos certamente contribui para a alta incidência de desativação das salas de aula.

A Tabela 2 mostra a situação do programa escolar nas vinte e duas empresas pesquisadas e destaca que à época da pesquisa apenas seis delas mantinham o canteiro-escola⁵.

TABELA 2 – SITUAÇÃO DO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO
NAS EMPRESAS PESQUISADAS (%)

Situação	%
Desativados	68,19
Continuam	27,27
Sem resposta	4,54
Total	100,00

Fonte: "survey" de empresas / 1995

É possível dizer que as intenções anunciadas no ideário do programa de escolarização - estabelecer vínculos entre a produção e o trabalho, propiciando o aumento da produtividade, "resgatar a cidadania" do trabalhador, criar mecanismos que facilitem sua participação na sociedade moderna, através de um melhor domínio da leitura e da escrita - estão diluídas na prática do canteiro-escola. Reiteramos, nessa direção, que embora haja um discurso que valorize a formação escolar, não se estabelecem vínculos entre o aumento da escolaridade e as mudanças e promoções internas à obra ou mesmo desencadeiam um aumento salarial. Por fim, inferimos que, em geral, a atividade escolar se caracteriza, na maior parte das vezes, como uma atividade marginal às demais atividades desenvolvidas, o que se expressa na informalidade da prática educativa. Até mesmo nas empresas que conseguiram articular o canteiro-escola à sua estrutura, o programa defronta-se com grande parte dos problemas elencados.

OS TRABALHADORES E O CANTEIRO-ESCOLA

Certamente as dificuldades descritas refletem-se no trabalhador que opta por voltar à escola e interagem com o seu percurso escolar, contribuindo para as altas taxas de evasão verificadas, tal como ocorre com a desativação do programa educativo. Os trabalhadores, cujo ingresso na construção civil é decorrente de um conjunto de contingências, apresentam um conjunto de expectativas e sonhos em relação à escola. Indicam como centrais para o retorno ou início da aprendizagem escolar, motivos que incidem diretamente em sua vivência particular, nas relações que se estabelecem para além do canteiro de obras. Ao mesmo tempo, ainda que de forma tênue e fragmentada, há uma idéia que vincula o processo de escolarização à possibilidade de ascensão na carreira profissional, à possibilidade de exercer atividades burocráticas. Mais forte do que isso, é a crença que os trabalhadores expressam sobre a possibilidade, que passaria a existir, de deixar a construção com a conquista do atestado de escolaridade. A Tabela 3 mostra a participação dos trabalhadores, segundo sua condição no programa.

⁵ Entre 1991-1995 essas empresas implementaram o canteiro-escola em suas obras, em algum período. Dentre elas 13 declararam que mantiveram o programa escolar ao longo desses anos, fato que não se confirmou durante o levantamento de dados.

TABELA 3 – PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DAS EMPRESAS PESQUISADAS, SEGUNDO SUA CONDIÇÃO NO PROGRAMA, PARA O PERÍODO DE 1991 / 1995 (NÚMEROS ABSOLUTOS E %)

	Ingressaram	Concluíram	Desistiram	Outras*
Nº Absoluto	1571	552	974	45
%	100,00	33,12	62,00	2,87

Fonte: "survey de empresas / 1995

(*) não identificadas

Ao justificarem a desistência, os trabalhadores tendem a colocar sobre si as razões do insucesso, acabam expressando a auto-imagem que têm. Como em diferentes práticas de educação de adultos, podemos supor que as razões que levam à desistência da escola estão ligadas às próprias características desta população e quando o contexto é o canteiro-escola, o abandono pode estar, também, relacionado com a não valorização do processo escolar na trajetória profissional. Por outro lado, a temporalidade própria do trabalho no canteiro, refletida no espaço escolar, fator que aparentemente não incomoda o trabalhador, contribui para sua desmotivação. O mesmo se dá em relação à (quase) ausente materialização dos supostos ganhos e/ou retornos que o processo escolar proporcionaria na trajetória profissional dos trabalhadores.

Podemos afirmar ainda que esses trabalhadores, além de conviverem com a precariedade no próprio cotidiano do canteiro de obras, tanto em relação à frágil e incipiente profissionalização como em relação à qualidade do trabalho realizado, convivem com uma escola permeável aos problemas do setor, o que na prática se traduz em dificuldades e obstáculos. Mais uma vez é importante ressaltar que tais dificuldades resultam das especificidades do mundo da construção, da forma como o programa foi incorporado e integrado à estrutura da empresa, mas são também dificuldades provenientes da trajetória de vida e escolar dos trabalhadores, profundamente marcada por frustrações e desencontros.

Destacam-se, também, as dificuldades geradas na condução do programa escolar, decorrentes da fragilidade da proposta curricular e da insuficiente valorização das singularidades dos processos didático-pedagógicos. A despeito das premissas que realçam a importância do processo escolar na constituição de uma "vida cidadã" para os trabalhadores, da ênfase no respeito à trajetória individual, deparamo-nos com uma visão marcada por "pré-conceitos" em relação ao trabalhador do setor. Os estereótipos e preconceitos, expressos nos depoimentos dos diferentes atores que interagem com o canteiro-escola, atribuem ao trabalhador as razões do insucesso ou do pouco êxito do programa. "Eles não têm força de vontade suficiente para levar o processo até o fim", "não têm 'cabeça' para os estudos", "não conseguem se fixar no trabalho", "não percebem a importância do aprendizado escolar", são avaliações que estão presentes em muitos dos depoimentos de profissionais das empresas, e são incorporadas nas auto-avaliações que muitos dos trabalhadores-alunos elaboraram - estariam neles mesmos, as "causas" dos problemas enfrentados pelos diferentes canteiros-escola.

Além disso, face às interferências a que o processo escolar está exposto, podemos supor que o canteiro-escola acaba reiterando o preceito "escola pobre para população pobre", reforçando a exclusão de um segmento historicamente excluído. Reproduz-se no espaço escolar a precariedade que marca a trajetória do trabalhador como um todo - sua trajetória de vida e de trabalho. Ao interagir mais uma vez com a precariedade, agora no espaço do canteiro-escola, torna-se difícil elaborar um questionamento sobre as condições que fazem parte de seu universo.

Do nosso ponto de vista, a modalidade educativa proposta deve apresentar características próprias, que a torne diferente do ensino básico regular, recuperando

e valorizando a trajetória de vida do trabalhador, sem perder de vista o conhecimento socialmente produzido e expresso através dos conteúdos formais, pois é este conhecimento que explica a realidade vivida por ele. É a síntese possível de ser feita entre o saber construído por ele, trabalhador, e este conhecimento que possibilita dar o salto e se perceber enquanto parte dos diferentes processos vivenciados no decorrer de sua vida (Haddad, 1988).

IMPLICAÇÕES DA PRÁTICA ESCOLAR NO COTIDIANO DO TRABALHO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

A par destas considerações e das dificuldades apontadas, o estudo mostrou que tanto na perspectiva das empresas quanto dos trabalhadores, o programa de escolarização proposto tem implicações no dia a dia da obra e no cotidiano do trabalhador, particularmente no tocante à crença de que a escola contribui para a definição de um padrão de comportamento socialmente aceito. Os dados expressam que o trabalhador que frequenta a escola torna-se mais acessível, passa a ter uma relação com a empresa mais amigável, e é visto como referência entre as chefias. Ao mesmo tempo, aqueles que frequentam a escola passam a ter uma maior facilidade de comunicação, tanto verbal como escrita. As relações interpessoais que caracterizam o trabalho no canteiro tendem a fluir melhor; há ainda um ganho, a partir do processo escolar, referente à higiene pessoal e aos cuidados com a saúde e alimentação.

No que se refere à realização do trabalho, os ganhos também estão ligados a uma melhora na comunicação do trabalhador, pois ele não precisaria mais esperar pelas chefias ou pelos "mais letrados" para realizar a leitura das ordens de serviço ou mesmo de simples indicações e preenchimento de requisições de materiais. Além disso, com uma maior compreensão pelos trabalhadores das tarefas e atividades executadas, ocorreria, tendencialmente, uma melhora na qualidade do trabalho. Embora as empresas não tenham dados quantitativos sobre a diminuição do desperdício e sobre o aumento da produtividade, até porque o programa é extremamente recente e incipiente, parece haver uma crença que isso ocorra. Estas questões tocam de perto, mais uma vez, o aspecto comportamental e atitudinal anteriormente destacado.

Os trabalhadores também colocam ênfase na melhoria da comunicação a partir do processo escolar. Embora muitas das referências se reportem às relações do cotidiano de trabalho, contatos com chefias, possibilidade de se desvincular mais rapidamente das tarefas, é no contexto social que eles sentem os maiores retornos. Observa-se um aumento da auto-estima desses trabalhadores, expresso nas referências à leitura do jornal, às relações pessoais e afetivas.

O grande desafio que nos parece estar colocado frente à convivência e confronto de processos marcados por especificidades e singularidades, quer do contexto produtivo e de trabalho quer da dinâmica pedagógica, é o estabelecimento de estruturas e canais comunicantes entre eles, com vistas a tornar o discurso proferido em prática conseqüente.

De um lado, as empresas precisam ter claro que a passagem pela escola deve representar a aquisição de conhecimentos, a socialização para o mundo do trabalho, incluindo o desenvolvimento dos quesitos modernamente valorizados - responsabilidade, disciplina e iniciativa (Leite, 1996). Tão necessários às empresas, tais aspectos também são valorizados entre os trabalhadores. Neste sentido, cabe às empresas mostrar sua efetiva disposição de conviver com processos de mudança que podem ser desencadeados a partir da adoção de programas escolares para os trabalhadores.

Contrariando o discurso proferido, parece que falta a maior parte das empresas, em sua prática, acreditar que o investimento na formação escolar dos trabalhadores se reverterá em ganhos reais e concretos. Acreditamos que cabe às empresas, e não somente aos indivíduos, tornarem-se competentes para aprender e é este aprendizado que as municia para educar, treinar e/ou desenvolver sua força de trabalho

adequadamente. Na indústria da construção, mais do que em outros setores, formação e qualificação não são questões referidas unicamente ao indivíduo, mas ao coletivo, o que torna a habilidade de atuar em conjunto, talvez o único e mais importante elemento de sucesso. Neste contexto, a habilidade de dedicar-se à aprendizagem coletiva é o maior trunfo para as empresas do setor (ILO,1992). Autonomia, polivalência, novas responsabilidades são variáveis que precisam sair do espaço discursivo e, na sua efetivação, há que se contar tanto com a disposição das empresas quanto com uma força de trabalho mais escolarizada, melhor qualificada e em condições de desenvolver os valores atribuídos à competência.

De outro lado, e reiterando algumas das considerações feitas, é preciso enfatizar a importância das práticas educativas tomarem como ponto de partida o contexto onde se insere o problema da baixa ou nula escolaridade e buscar, neste mesmo contexto, os estímulos para que as pessoas se decidam a aprender. São práticas que devem ser particularizadas, uma vez que nelas estão presentes tanto as experiências e conflitos vivenciados pelos trabalhadores em experiências educativas anteriores quanto uma forte expectativa, associada ao "saber" e o "saber fazer" adquirido no viver cotidiano. É importante fundar uma proposta que articule as habilidades básicas, como leitura e escrita, cálculos simples, com o cotidiano do trabalho. Somente desta forma será possível a realização de um processo de ensino-aprendizagem de qualidade, que tenha sentido e mobilize as pessoas para o esforço de aprender.

Acreditamos que o grande desafio é conseguir estabelecer mediações que possibilitem rever tal cenário e delinear uma relação positiva. Este conjunto de situações deve ser objeto constante da reflexão dos idealizadores de programas de escolarização voltados para o adulto trabalhador e, particularmente, para aquele da construção civil, uma vez que, se não minimizados, colocam em risco o programa como um todo. Este é um cenário que não pode ser desconsiderado pelos idealizadores dos programas para o trabalhador da construção - a partir de uma reflexão de fundo é possível encontrar a medida exata para atender as suas reais necessidades, de modo a se realizar como prática conseqüente à realidade onde está inserido.

Mais que isso, é prioritário valorizar aspectos ligados ao processo de aprendizagem, à administração do espaço escolar e ao estabelecimento de vínculos com os processos de trabalho, pois a ausência desses vínculos pode estar na origem das causas de fracassos de práticas educativas voltadas para o adulto trabalhador. Nesta direção, é preciso repensar as propostas educativas para o trabalhador do setor tanto do ponto de vista conceitual e pedagógico quanto organizacional.

É central, para o cenário da construção, conciliar os processos de aprendizagem do trabalho e o domínio das qualificações conferidas a partir da experiência prática com o conhecimento abstrato desenvolvido na escola. Ao mesmo tempo, a prática educativa proposta tem que ter aplicabilidade, cuja expressão está na interface entre o que se ensina e a realidade. É esta condição que se traduz em motivação, e sem motivação não há aprendizagem. Resta saber como envolver o segmento empresarial em propostas educativas, tal como a do canteiro-escola, para que as mesmas se constituam em programas consistentes e contributivos para os trabalhadores num contexto de mudanças.

Cabe ainda ressaltar que a tarefa da formação em seus diferentes níveis, quer a de caráter profissional quer a de caráter geral, deve ser entendida e buscada a partir de um conjunto de esforços, resultante da prática de diferentes segmentos da sociedade. É tarefa da iniciativa privada, com o envolvimento de setores empresariais comprometidos com as mudanças, através de seus sindicatos e centros de formação e/ou treinamento. É tarefa dos governos, através de políticas públicas de formação, com vistas a garantir emprego para um maior número de trabalhadores ou ao menos minimizar os riscos da inadequação da formação dos trabalhadores às novas demandas. É tarefa dos sindicatos dos trabalhadores, através da proposição de estratégias de formação que permitam, a partir de sua prática e saber profissional, a manutenção de postos de trabalho, bem como uma adequação aos requerimentos atuais. Ao mesmo tempo, são tarefas que não podem ser vistas independentemente da dinâmica do mercado em geral e do mercado de trabalho em particular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA LIMA, Hélio. De artista a operário: inovação tecnológica e reconversão do saber produtivo na construção (1987). João Pessoa, UFPb, (Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção).
- FARAH, Marta Ferreira Santos (1992). Tecnologia, Processo de Trabalho e Construção Habitacional. São Paulo, (Tese de Doutorado em Sociologia, FFLCH-USP).
- _____ (1996). Processo de Trabalho na Construção Habitacional: tradição e Mudança. São Paulo, Editora Anna Blume / FAPESP.
- HADDAD, Sérgio (1988). "Educação básica para adultos: um direito". Revista Educação Municipal (1), São Paulo, Cortez Editora, 33-36.
- ILO - International Labor Organization Building (1992). Civil Engineering and Public Works and Public Works Industries. ILO, Suíça.
- LEITE, Elenice Monteiro (1996). "Reestruturação produtiva, Trabalho e Qualificação no Brasil". In: Bruno, Lúcia (org.) Educação e Trabalho no Capitalismo Contemporâneo. São Paulo, Editora Atlas, p.146-187.
- RATTNER, Henrique(1988). Internacionalização e política tecnológica brasileira. Folha de São Paulo, São Paulo, 14/08/1988.